



A SOLIDÃO FRONTEIRIÇA: O ANTHROPOS DA FRONTEIRA-SUL

Luiz Eduardo Ludvig Alencastro¹

Edgar César Nolasco²

Resumo: O presente artigo é um recorte da pesquisa pertencente ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulado “Segredos da solidão: o anthropos a partir de AuTRAN Dourado”, fomentado pelo CNPq, no Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), situado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob orientação do Prof. Dr. Edgar César Nolasco. A seguinte articulação pretende o exercício do conceito de sujeito *anthropos* (Mignolo, 2017), que se caracteriza essencialmente por seu subjugamento ao discurso hegemônico moderno. Nesse mote, visamos perceber a narrativa articulada pela modernidade (Quijano, 1992) do que se determina *anthropos* e relacioná-la com o construto do conceito de solidão *a partir do* livro intitulado *Solidão Solitude* (Dourado, 1972), objetivando-a enquanto característica intrínseca às sensibilidades do corpo *anthropos*, performado pelo alter-ego confesso de Dourado, João da Fonseca. Buscamos, também estabelecer uma crítica à consideração dos conhecimentos de fronteira, partindo do lócus sul-fronteiriço da vigente ponderação, endossados pelo pensamento crítico biográfico fronteiriço (Nolasco, 2015). A metodologia da produção foi feita por meio de revisões bibliográficas pertinentes ao tema, englobando a teoria descolonial. Espera-se como resultados um avanço dos estímulos às leituras de AuTRAN Dourado *a partir de* uma práxis descolonial, corroborando para o desmonte constante da ficção moderna e assim a valorização dos saberes de fronteira, ademais, também se espera a melhor compreensão das condições impostas pelos diversos centros hegemônicos para que se efetue a caracterização do sujeito *anthropos* dentro dos domínios discursivos da modernidade.

Palavras-chave: Descolonialidade. AuTRAN Dourado. Solidão. Crítica biográfica fronteiriça.

BORDER SOLITUDE: THE ANTHROPOS OF THE SOUTHERN BORDER

Abstract: *This article is an excerpt of the research belonging to the Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) entitled "Segredos da solidão: o anthropos a partir de AuTRAN Dourado", fostered by CNPq, in the Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) located at the Federal University of Mato Grosso do Sul, under the guidance of Prof. Dr. Edgar César Nolasco. The following writing intends to*

¹ Graduando de Letras - Licenciatura habilitação em Português/Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), bolsista CNPq do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4442953754576614> | ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8817-635X>

² é professor titular da UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS). Possui mestrado em Teoria da Literatura (UFMG), doutorado em Literatura Comparada (UFMG), com pós-doutorado em Cultura (PACC-UFRJ). É fundador e coordenador do NECC: NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS (desde 2009). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7443635104960914> | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>

exercise the concept of subject anthropos (Mignolo, 2017) and which is essentially characterized by its subjugation to the modern hegemonic discourse. Moreover, we aim to understand the narrative articulated by modernity (QUIJANO, 1992) of what is determined anthropos and relate it to the construct of the concept of solitude from the book entitled *Solidão Solitude* (Dourado, 1972), as an intrinsic characteristic to the sensibilities of the anthropos body, performed by the confessed alter ego of Dourado, João da Fonseca. We also seek to establish a critique of the legitimation of frontier knowledge, starting from the south-border locus of the current article, endorsed by biographical frontier criticism (Nolasco, 2015). The production's methodology was made through bibliographic reviews relevant to the theme encompassing the decolonial theory. It is expected as results an advance of the stimuli to the readings of Autran Dourado from a decolonial praxis, corroborating for the constant dismantling of modern fiction and thus the valorization of frontier knowledge in addition, it is also expected a better understanding of the conditions imposed by the various hegemonic centers in order to understand the characterization of the subject anthropos within the discursive domains of modernity.

Keywords: Decoloniality. Autran Dourado. Solitude. Biographic frontier criticism.

João da Fonseca Nogueira e *Anthropos*: dois corpos em uma mesma solidão

De tal forma, uma vez que você percebe que sua inferioridade é uma ficção criada para dominá-lo, e se você não quer nem se assimilar nem aceitar com resignação a má sorte de ter nascido onde você nasceu, então se desprende. Desistir significa não aceitar as opções que lhe são dadas.
(Mignolo, 2013, p. 3, tradução nossa)

Sem saber por quê, procurava a proteção que lhe faltara quando viu se perder no fim da rua o carro de seu pai. *Agora era ele só.*
(Dourado, 1983, p. 87, grifos nossos)

Escrito por Autran Dourado, *Solidão Solitude* é a base a partir da qual flexionamos ponderações, pois as discussões presentes na obra ajudam a erigir nossa linha de pensamento aqui. Em específico, o conto “Inventário do Primeiro Dia”, no qual o personagem principal é o próprio *alter ego* de Autran Dourado, João da Fonseca Nogueira. Vertendo-nos na sua história, essa conta a sua jornada que se estende da sua casa à recepção no internato, onde estudaria por tempo indeterminado. O ponto principal que toca as nossas sensibilidades na condição de pesquisadores fronteiriços é a construção da solidão, plasmada na frase da epígrafe, como plano de fundo para a marginalização do protagonista e, ao fim do conto, a sua decisão de inventar o seu

primeiro dia no internato, como se o contasse a um amigo, fato que exemplifica o título do conto.

No diálogo que almejamos, primordialmente, focaremos na ideia de solidão preconizada pela trajetória de João na narrativa autraniana. Para isso, conclamamos à crítica biográfica fronteira (Nolasco, 2015), no intuito de não ignorar nosso *biolocus*, isto é, os entrelaçamentos que nossas vidas situadas em lugares específicos possuem com o que visamos acentuar em nossas leituras. Entendemos que tal forma de teorização representa para nós, estudiosos fronteiros, um fazer teórico destoante dos padrões coloniais, os quais estão na mira de nossas ponderações.

Debruçando-nos sobre o desmonte das questões de ordem colonial, é necessário pensar que nossas particularidades, fundantes da perspectiva biográfica fronteira, são tracejadas pelo rechaço veiculado pela “colonialidade” (Quijano, 1992) de corpos em seus espaços. Então, entendemos que a colonização não se dá única e exclusivamente sobre os territórios com intuito exclusivo de desenvolvimento econômico. Ainda na esteira do teórico descolonial Aníbal Quijano, cunhamos que ponderar a colonialidade implica em considerar uma perspectiva cognitivamente colonizatória, pelos seus atravessamentos mais abrangentes com os corpos que se situam nesse contexto:

Em segundo lugar, reprimiram [*colonizadores*] tanto como puderam, ou seja, em variáveis medidas de acordo com os casos, as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade. (Quijano, 1992, p. 2, grifos nossos).

Portanto, se postulamos uma colonização do corpo e de suas epistemologias, a colonização também se estende para as formas de conhecer dos sujeitos submetidos à hegemonia do sistema colonial. Seus imaginários são formatados de maneira a reproduzir seu próprio jugo e assim manterem-se na posição de cativos.

Tomando as epígrafes como essência do nosso texto, sugerimos que necessitamos movimentar nossas reflexões tencionando uma crítica à centralização da razão europeia, em detrimento do corpo latino-americano, já que é com base nela que a colonização de saberes se dá. A partir da escrita autraniana dialogamos com tais temas na medida em que discernimos a ficção de nossa inferioridade não como um acaso, mas porque somos inventados na condição de *anthropos*, sujeitos que “na maioria dos debates contemporâneos sobre a alteridade corresponde a categoria de ‘outro’. O ‘outro’, entretanto, não existe ontologicamente. É uma invenção discursiva” (Mignolo, 2017, p.

18). Desse modo, a articulação da lógica colonial constrói o imaginário coletivo para se retroalimentar, sob nosso crivo, inventa-se a si mesma na alcunha de modernidade/colonialidade.

Por esse prisma teórico pensamos João da Fonseca Nogueira também como um *outro* criado por quem detém o controle do discurso, a série de agressões psicológicas que sofre no internato corrobora dois pontos indispensáveis. O primeiro é a sua *performance* como *anthropos* na nossa leitura e o segundo é percebido pelo intento de inventar o seu primeiro dia: “Enquanto a noite rolava, fazia um inventário completo de seu primeiro dia no internato. E então já não estava mais se lembrando, mas contando a alguém a sua história. Começava a inventar?” (Dourado, 1972, p.89) visando retomar o discurso que lhe faz na condição de *anthropos*.

Avançando as ideias acima, nos excertos epigrafados, quando se leva em consideração que a colonização se efetua pelo imaginário dos dominados, racionalizando-os como *anthropos*, notamos que nossas sensibilidades são desconsideradas. Pensamos que a solidão, tão latente em ambas as pontas desse diálogo, João da Fonseca, pelas vicissitudes de ser novato e nós pela submissão de nossas sensibilidades à razão, formata-se como ambiente propício para a propagação das ideias descoloniais.

Conceituar a solidão como ambiente fértil que nutre ideias ligadas à descolonialidade significa considerá-la como uma prática do corpo. Entretanto, não nos basta dizer que a solidão é um sentimento comum a todos, ainda que não o neguemos em certos contextos. Tecemos uma crítica à colonialidade e observamos uma estrutura de poder que se verte sobre os corpos assujeitados a sua lógica, sendo assim, evidenciamos que há uma eleição categórica sobre os corpos que passam pelo exílio da solidão para, então, constituírem sujeitos *anthropos*. Dentro dessa perspectiva, o teórico argentino Walter Mignolo nos faz a seguinte assertiva:

Quando Frantz Fanon termina seu *Pele negra, máscaras brancas* com uma prece: *Oh corpo meu, faz de mim, sempre, um homem que se interrogue!* (1973, p. 192) expressou, em uma só frase, as categorias básicas da epistemologia fronteiriça: a percepção bio-gráfica do corpo Negro no Terceiro Mundo, fundando assim uma política do conhecimento que está arraigada assim como no corpo racializado, nas histórias locais marcadas pela colonialidade. (Mignolo, 2017, p.16. Grifos meus).

A alusão ao texto de Fanon auxilia na missão de entender os corpos escolhidos para a discursivização do *anthropos*. Portanto, quando o teórico dialoga com o termo

“racializado”, é necessário que nos detenhamos nele para compreender que não estamos falando de categorizações raciais, contidas na pele, o que seria um contrassenso, já que tais segregações surgem da ordem colonial, justamente o cerne de nossas críticas.

Racializar significa pôr em condição de sub-humanidade qualquer corpo que destoe dos padrões modernos encaminhados pela colonialidade do saber, isto é, um padrão de poder que se estrutura do colonialismo e implanta seus moldes na cognição dos colonizados. Podemos embasar, com mais profundidade, pensando dos seguintes questionamentos:

A partir da lógica do desenvolvimento na modernidade/*colonialidade* se fundamenta na dúvida do ‘será que determinados sujeitos são seres humanos e podem existir livremente?’ (Nogueira; Nolasco, 2023, p. 214, *grifos nossos*).

Arrematado pela ficção moderna/colonial, a racialização de corpos é o fator que os seleciona submetidos a não existirem livremente, uma vez que a formatação do imaginário os cria na condição de *outro*, exterior ao sistema, objetificados e construídos como produtos a serem manipulados.

Tendo em vista a construção do projeto moderno em torno da racialização como método de escamotear práticas do conhecer “inúteis” ao seu propósito. Articulamos que João da Fonseca acaba por representar o sujeito *anthropos* balizado por um desempenho social calcado na sua solidão. Nossa leitura prima pela compreensão mais abrangente do *outro* e nos valem da presença de João para veicular nossas teorizações de rubrica descolonial.

Não obstante, a ponte que une os interlocutores dessa conversa é a inserção de uma prática do corpo tão semelhante quanto a solidão de João, falamos do *biolocus a partir do* qual erigimos o nosso pensamento fronteiriço que “é a singularidade epistêmica de qualquer projeto descolonial. Por quê? Porque a epistemologia fronteiriça é a epistemologia do *anthopos*” (Mignolo, 2013, p.3). Posto isso, a lente pela qual pensamos é a do próprio *outro*, nascida da solidão, trazida por Fonseca, que se liga intimamente com o nosso fazer da fronteira³.

³ Embasados em *Histórias Locais/Projetos Globais* (2003) do professor e pensador descolonial Walter Mignolo, pensamos a fronteira não somente como um local geográfico, demarcado por linhas em mapas, as quais nos fazem pensar em separações categoricamente duais. Fundamentamos nossa visão de fronteira como locais que ultrapassam divisões cartograficamente políticas, ser de fronteira é desempenhar papéis que marcam a maneira como vivemos/sentimos o mundo e, perpassados por tais

Perpassando os nossos atravessamentos do corpo, inserimos a solidão no pensamento fronteiro de João/*Anthropos*. Fazemos essa união pela consideração do que há tempos nos foi destituído, nossas sensibilidades. Nesse sentido, se por muito tempo nossas cognições passaram por um processo de formatação a bases europeias, invocar uma teoria que nos pensa dentro de suas junções significa escolher ter um posicionamento de ordem descolonial, eleição indispensável para fundar uma ponte entre as ideias de “Inventário do Primeiro Dia” e a epistemologia descolonial. Sentir e pensar de uma fronteira (BRASIL/PARAGUAI/BOLÍVIA) que não é apenas geográfica, senão também epistêmica, participa de nossa essência, pois só por meio de:

[...] uma crítica desse lócus pode considerar em suas discussões as sensibilidades biográficas e locais dos sujeitos e das produções envolvidas, inclusive do próprio intelectual que optou por aprender a desaprender as lições canonizadas e cristalizadas nas bordas dos pensamentos fronteiros. (Nolasco, 2015, p. 60).

Já que nossos corpos de pesquisadores fronteiros são criados discursivamente, estamos fadados à solidão se não pensarmos de hegemonias cognitivas. Considerar a exclusão e solidão como condição *sine qua non* para erguer ponderações, implica subverter o sistema moderno/colonial. Consequentemente, a nossa intenção em atravessar e metodizar pelo *biolócus* objetiva exercitar, à égide da crítica biográfica fronteira, a insubmissão perante a soberania moderna/colonial por intermédio da solidão que tange tanto João quanto nós.

Pela última vez, acatamos as epígrafes para pôr em voga as discussões preconizadas por Mignolo, no que tange à *práxis* do pensar da/na fronteira. Dessa forma, pelo intrínseco entrelaçamento de nossas sensibilidades biográfica e geograficamente situadas, *a partir da* solidão, indicamos que o fazer descolonial dos *anthropos* percorre caminhos de solitude inventados discursivamente.

À vista disso, elucidamos o enredo autraniano em conjunto a seu personagem principal, João da Fonseca Nogueira, enquanto nosso aliado para abranger as particularidades dos sujeitos *outros* e nesse ponto específico, deslocamos a visão de

sensibilidades, balizam nossa produção epistemológica. Estabelecemos que nossa fronteira se trata tanto do local geográfico de onde nasce este texto (Campo Grande, Mato Grosso do Sul) quanto da colocação sociopolítica dos sujeitos que escrevem a presente discussão, logo os autores/críticos deste texto. Portanto, abarcar a fronteira em nossa discussão é condição *sine qua non* para estabelecer uma contrapartida à maneira de pensar individualizada, impessoal e sistemática do fazer teórico-científico moderno.

Mignolo para reaprender da fronteira. A má sorte de termos nascido onde nascemos não é aceita por nós, mas tampouco é ignorada nas reflexões aqui postas.

A solidão inerente nesse lugar permeia o desprendimento da narrativa que fabula a existências dos sujeitos os quais aqui habitam, mais um aspecto do pretendido ao discernir que tanto nós quanto João compartilhamos da epistemologia fronteira. Sob essas ideias, perpassamos o desprender como única saída para cunhar uma prática que: “reúne diversos ensaios guiados pela ideia do ativo abandono das formas de conhecer que nos sujeitam, e modelam ativamente nossas subjetividades nas fantasias das ficções modernas.” (Mignolo, 2018, p. 7). Portanto, o proposto por Walter Mignolo respalda a linha de raciocínio ressaltada por nós nesse texto.

Nesse ínterim, *desprender-se* expressa a máxima final deste trabalho tencionado por uma óptica erigida do *biólócus* de seus críticos e *a partir de* Autran Dourado e sua escrita. Pautando-nos sob um viés comparatista, se João da Fonseca Nogueira consegue *se desprender* da realidade inventando sobre seu primeiro dia no internato, já que o concebem na posição de *outro*, nós, por outro lado, *desprendemo-nos a partir de* nossas sensibilidades expostas na superfície deste texto e dos/nos corpos que o escrevem. A ficção moderna, ainda que impossível de ser ignorada, pode ser repensada a ponto de ser reaprendida pelos corpos dos *anthropos* da fronteira-sul *a partir de* sua inevitável solidão, seja ela territorial ou epistêmica.

Em suma, as leituras descoloniais são fundamentais para deslindar questões apagadas e rechaçadas dos debates modernos. Assim, a articulação entre João da Fonseca Nogueira, no romance *Solidão Solitude*, e *anthropos* se estabelece por meio da práxis de nossa escrita transpassada pelas nossas sensibilidades de fronteira (*biólócus*), as quais são irremissíveis para a tônica da interpretação que propomos.

Dessa forma, a solidão vivenciada em ambas as fronteiras deste diálogo se qualifica, *a partir de* uma perspectiva de críticos biográficos fronteiros, como característica inerente ao sujeito *anthropos* e sua atuação com o mundo que o cria nessa condição. Portanto, evidenciamos que as condições impostas pelos diversos centros hegemônicos só podem ser vistas, quando a ficção moderna é alvo do *desprendimento* de nossas formas de saberes.

Referências

DOURADO, Autran. **Solidão solitude**. Belo Horizonte: Record, 1972.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. In: **Epistemologias do sul**. Foz do Iguaçu/PR, 2017.

MIGNOLO, Walter. Prefacio. In: GIULIANO, Facundo (comp.). **¿Podemos pensar los no-europeos?: ética decolonial y geopolíticas del conocer**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018.

MIGNOLO, Walter. Geopolíticas de la sensibilidad y del conocimiento. Centro de Estudios Filosóficos Adolfo García Díaz, **Revista de Filosofía**. Macaraibo: Universidad de Zulia, 2013.

NOGUEIRA, Indayá; NOLASCO, Edgar. Colonialidade, a seiva da modernidade: teorização à luz da (des)colonialidade do Ser. In: NOLASCO, Edgar (org). **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Modernidades e Modernidades, nunca mais**. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2023.

NOLASCO, Edgar. Crítica biográfica fronteiriça (BRASIL/PARAGUAI/BOLÍVIA). In: NOLASCO, Edgar (org). **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Brasil/Paraguai/Bolívia**. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad/racionalidad. In: BONILLO, Heraclio (comp.). **Los conquistados**. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Ciudad de Guatemala: FLACSO, 1992, p. 437-449.